



**Lucas Silva Santos**  
**Isabela Melo Bedendo**  
**Jeferson Roberto Rojo**

Recebido: 05 de agosto 2025  
Revisado: 15 de agosto 2025  
Aceito: 10 de dezembro 2025  
Publicado: 15 dezembro 2025

## Da capoeiragem à capoeira esportiva: a construção de um método nacional

### Resumo

O artigo analisa o processo de metodologização da capoeira no Brasil, com foco no Rio de Janeiro entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. A partir de pesquisa qualitativa e análise documental, investiga-se como a capoeira, inicialmente marginalizada, passou a ser sistematizada por meio de propostas pedagógicas e técnicas desenvolvidas por nomes como Raphael Lothus, Mário Aleixo e Annibal Burlamaqui. Tais iniciativas buscaram transformar a capoeira em uma ginástica nacional, dialogando com métodos europeus e artes marciais estrangeiras. Os resultados evidenciam a versatilidade e a capacidade de reinvenção da capoeira, destacando sua transição de prática criminalizada para expressão legítima da cultura corporal brasileira.

**Palavras-chave:** Capoeira; História; Esporte.

## From capoeiragem to sportive capoeira: the construction of a national method

### Abstract

This article analyzes the process of systematizing capoeira in Brazil, focusing on Rio de Janeiro from the late 19th century to the first half of the 20th century. Based on qualitative research and documentary analysis, it explores how capoeira, initially marginalized, was gradually structured through pedagogical and technical proposals developed by figures such as Raphael Lothus, Mário Aleixo, and Annibal Burlamaqui. These initiatives aimed to transform capoeira into a national gymnastic system, engaging with European training methods and foreign martial arts. The findings highlight capoeira's versatility and its capacity for reinvention, emphasizing its transition from a criminalized practice to a legitimate expression of Brazilian physical culture.

**Keywords:** Capoeira; History; Sport.

### Introdução

A capoeira tem uma ligação estreita com a cultura brasileira, sendo considerada uma forma de expressão do país no cenário internacional (Lise et al, 2023). Sua história está diretamente ligada à da escravidão no Brasil, no entanto sua origem é incerta (Fontoura & Guimarães, 2002). Existem diversas opiniões e divergências entre autores sobre a verdadeira origem da capoeira. Na visão de Araújo e Jaqueira (2006, p. 9), a capoeira foi uma invenção das várias matrizes culturais presentes num momento histórico brasileiro.

O possível primeiro registro da capoeira data de 1789, sendo uma acusação contra um homem chamado Adão, por praticar a modalidade (Brito & Granada, 2020). Durante o século XIX encontra-se fontes históricas de diversos tipos sendo eles artigos, livros e notícias de jornais. Dentre

essas fontes, a prática da capoeira é evidenciada principalmente em três estados nacionais sendo eles o Rio de Janeiro, a Bahia e o Pernambuco. Segundo site da Biblioteca Nacional Brasileira (2024), os portos brasileiros que mais recebiam africanos escravizados eram Salvador, Rio de Janeiro e Recife, o que pode ter motivado a evidência da prática da capoeira em tais estados. Belém, São Luís e Santos também são citados como locais de considerável recepção de escravizados.

De modo geral, a capoeiragem, termo utilizado para se referir à capoeira no século XIX, não era bem-vista nem pela lei, nem pela sociedade brasileira. No início do século, no Brasil Imperial, a prática da capoeira podia ser relacionada como vadiagem, dessa forma enquadrada no Código Penal de 1830. Avançando à parte final do século, já na fase da República, a capoeira foi incluída de forma direta e clara no Código Penal de 1890, portanto aquele que fosse considerado um capoeira poderia ser condenado à pena de prisão, de dois a seis meses, sem a necessidade de flagrante (Braga & Saldanha, 2014).

Foi em contextos de repressão que a capoeira passou a se disfarçar como brincadeira, com elementos musicais e ritmados. (Fontoura & Guimarães, 2008). Porém, Silva e Correia (2020) afirmam que o lado lúdico da capoeira se desenvolveu apenas em alguns lugares do Brasil, como no estado da Bahia, enquanto em outras regiões, como o Rio de Janeiro ela se desenvolveu exclusivamente como uma luta urbana.

Dessa forma a prática da capoeira no Rio de Janeiro foi se desenvolvendo ao longo dos anos e agregando valores de outras modalidades, se tornando versátil e variada em seus recursos. Soares (1997), em sua obra sobre a influência dos portugueses na capoeira carioca destaca a semelhança entre os capoeiras cariocas e os fadistas de Lisboa, figuras marginalizadas e tidos como desordeiros, oriundos de uma de uma sociedade desigual, assim como os capoeiras hábeis na luta com navalhas. Silva e Correia (2020) ressaltam que, após o ano 1850, as maltas no Rio de Janeiro passaram a ter um número significativo de imigrantes vindos da Europa, entre eles espanhóis e, principalmente portugueses, muitos deles fadistas e praticantes da esgrima lisboeta que contribuíram no uso da navalha e do porrete.

Em seu princípio a capoeira não teve um viés esportivo, se destacando principalmente como um tipo de defesa pessoal e combate urbano, principalmente no século XIX onde a capoeira se destacava por meio das maltas, onde nas grandes cidades evidenciava um estilo de luta de rua, sem regras (Fonseca, 2008). Destacam Alves e Montagner (2008) que, os primeiros campeonatos de capoeira surgiram apenas na década de 60, já o Jornal dos Sports (1937) destaca a abertura de inscrições para um campeonato nacional de capoeira no corrente ano, evidenciando a partir dessa

fonte que competições já ocorriam desde os anos 30, indicando que a vertente esportiva pode ter se iniciado antes dos registros.

E, foi essa capoeira em constante desenvolvimento que se mostrou presente no Rio de Janeiro, adentrando o século XX, se aperfeiçoando e se adaptando. Um método eclético e versátil que já estava presente em boa parte do estado, assim como no território nacional e que, mesmo com a alta repressão, resistia e se aperfeiçoava. Nesse sentido, o presente artigo busca analisar os elementos relacionados a busca pela ‘metodologização’ da capoeira.

## **Métodos**

Aprofundando as classificações a respeito das metodologias de pesquisa, observa-se que para o presente estudo, compreende-se que as análises são qualitativas. O nível de pesquisa compreendida neste estudo é classificado enquanto uma pesquisa descritiva (Gil, 2008; Gratton & Jones, 2010).

Estabelecidas as classificações, ou detalhamento, de como se configura o estudo aqui realizado, o próximo passo é compreender o delineamento de pesquisas, ou os métodos de coletas/instrumentos de pesquisas utilizados. Nas pesquisas qualitativas, as fontes comumente são coletas por meio de entrevistas, observações e revisão de documentos (Thomas, Nelson & Silverman, 2012). Diante desse cenário, apresenta-se os delineamentos, ou os métodos de coletas/instrumentos de pesquisas utilizados para coletar as fontes analisadas no estudo. São eles, pesquisa/revisão bibliográfica e pesquisa documental. Configurando assim o uso tanto de fontes primárias, como secundárias (Gratton & Jones, 2010).

Em relação à pesquisa documental, de acordo com Gil (2008), esse tipo de pesquisa tem por característica a utilização de fontes de natureza primária, ou seja, documentos que ainda não receberam tratamento científico. Os dados obtidos por meio da pesquisa documental, mesmo que sejam informações referentes aos indivíduos/atores sociais, não são coletados diretamente com os participantes de pesquisas. Já a pesquisa bibliográfica, utilizou-se de livros publicados no período analisado e em estudos recentes sobre o tema.

A prática da capoeira está presente no Brasil há séculos. Assim, a análise inicial será realizada com base em livros, artigos e gravuras, fontes nas quais se podem encontrar informações mais aprofundadas sobre o tema. Os documentos selecionados têm como principal característica o tratamento da capoeira como tema central, sendo excluídos os textos cuja abordagem se concentre em aspectos lúdicos ou socioeducacionais. A partir desse material, foi elaborada uma linha do tempo em ordem cronológica, abrangendo registros desde o início do século XIX até meados do

século XX.

As coletas foram realizadas com materiais que tomam a forma de jornais, o que segundo Gil (2008), as fontes de documentação podem se caracterizar como documentação de comunicação de massa que são arquivos no formato de jornais, revistas, rádios, televisão, sites (Gil, 2008). Foram apropriadas reportagens publicadas nos jornais referentes ao período analisado. Os documentos de jornais são mais abrangentes quando se trata da linha temporal, assim como os livros, artigos e jornais que datam do início do século XX, sendo selecionados os documentos por meio do site hemeroteca onde foram levantados aqueles que possuem alguma parte que trata do tema da pesquisa ou temas relacionados.

Inicialmente realizou-se um levantamento de notícias de jornais, através do site Hemeroteca Digital, por meio de uma busca dividida por épocas, assim como presente no modo de busca do site, utilizando duas palavras-chave, para a busca dos jornais “capoeiragem” e “capoeira”. Após essa seleção realizou-se as análises da pesquisa, sempre em conjunto com os livros, artigos e gravuras que serviram de apoio teórico para compreender e discorrer com mais clareza sobre o assunto abordado.

### **A capoeira vista por outra ótica**

Em todo o Brasil e em foco no Rio de Janeiro, as lutas estrangeiras já se faziam presentes como a luta greco-romana que teve seu primeiro registro no Brasil em 1845, o boxe que dez anos depois também chegava em terras nacionais, assim como o jiu-jitsu que no início do século XX, (Silva & Correia, 2020). No início do século XX, as modalidades estrangeiras estavam cada vez mais presentes no Rio de Janeiro, ganhando força e notoriedade, se destacando como formas organizadas, que além de levar à disciplina, proporcionam benefícios físicos para os praticantes, enquanto a capoeira, ainda era malvista e até mesmo esquecida (Lise, 2014).

O livreto, *O Guia do Capoeira* de 1907, mostra o surgimento de um sentimento patriota em contrapartida às modalidades estrangeiras que ganhavam notoriedade. Enquanto a modalidade brasileira era proibida, marginalizada e deixada de lado. Na obra demonstra clareza quanto à vontade de transformar a capoeiragem em uma ginástica nacional, desvinculá-la da marginalidade, da luta de rua violenta e criminosa, e torná-la organizada, atitude essa que ainda na primeira década do século XX ganhava força (Silva & Correia, 2020). Porém, nas décadas seguintes esse viés se mostrou mais notável, em uma matéria de 1911 o pensamento é exposto por meio de uma certa indignação, onde o carioca valoriza mais os esportes estrangeiros do que o próprio esporte nacional.

No desporto, é uma lastima: o carioca atira-se ao “law-tenis”, ao “foot-ball”, ao “jiu jitsu”, a jogos xenômanos, deixando no tinteiro do esquecimento a “capoeira”, que era uma gymnastica legitimamente carioca e que vale por todas outras juntas (Jornal do Brasil, 1911, p. 5).

A visão sobre a capoeira na ótica de alguns já não era a de uma prática banal e desvirtuada, mas sim de uma legítima ginástica brasileira. Assim como uma forma eficiente de combate, muito útil na defesa pessoal, meio onde o jiu-jitsu estava ganhando notoriedade, visto que já era adotado pela marinha, onde o japonês Sada Myiako, um dos primeiros praticando do jiu-jitsu no Brasil, foi contratado para lecionar a luta a marinheiros.

Em uma charge de 1915 diz que a polícia assim como a guarda civil adotaram o jiu-jitsu, porém ela traz na legenda uma crítica à tal ação, afirmando que a capoeiragem seria muito melhor e superior que tal arte japonesa. Além de criticar a falta de interesse e o desprezo por parte da política acerca da capoeira.



**Figura 1.** Charge capoeira.

Fonte: Jornal do Brasil (1915).

Percebe-se que ao longo da segunda e terceira década do século XX a ideia de ginástica nacional se fez presente. Também à medida que as modalidades esportivas estrangeiras adentravam e se instalavam no Rio de Janeiro, visto que matérias de jornais defendiam tal ideia, e viam benefícios variados por parte da prática da capoeira, tanto no aspecto físico como moral do

indivíduo. Nota-se que buscavam não só o reconhecimento da prática, mas também a sua regulamentação como esporte nacional.

Uma matéria de 1913, notícia um campeonato de luta livre, levanta a questão das competições de capoeira, deixando claro que seria uma ótima ideia e exaltando a necessidade de regulamentação, assim como já havia ocorrido em países europeus com suas modalidades nativas.

Não sabemos o que se possa entender por essas palavras, sob o ponto de vista esportivo; entretanto, muito seria de louvar-se tivéssemos que anunciar um Campeonato Nacional de Capoeira, porque então, presupunha-se um grande passo ao nosso paiz em matéria de sport a regulamentação da capoeira.

Acaso é isso deprimente?

Não, absolutamente. A capoeira é um sport nacional, que precisa ser regulamentado e o será com certeza, cedo ou tarde (Jornal do Brasil, 1913, p.16).

Observa-se que a capoeira, aos poucos, estava caminhando para novos horizontes, mesmo pleiteando com outras modalidades já mais adiantadas no processo e com a própria sociedade de modo geral, que ainda relutava em valorizar a mesma. Entretanto, a capoeira começava a ser vista de uma forma diferente, suas qualidades e benefícios estavam sendo cada vez mais valorizados, sendo que a esportivização e regulamentação desta, seria apenas questão de tempo.

Em 1928, a obra de Annibal Burlamaqui, *Gymnástica Nacional (Capoeiragem) Methodizada e Regrada*, nos mostra uma visão esportiva mais madura acerca da capoeira, pois esse livro sugere uma capoeira competitiva, trazendo consigo um conjunto de ilustrações assim como a nomenclatura dos gestos técnicos, assim como as regras de competição, critérios de arbitragem, história, além de requisitos e exercícios para a prática; pode-se dizer que a obra foi pioneira, no que se trata de código desportivo na capoeira (Burlamaqui, 1928).

Partindo desse contexto esportivo à época da segunda e terceira década do século XX nota-se a capoeira desenvolvendo o seu lado esportivo, principalmente lutas organizadas, não campeonatos organizados de capoeira, mas disputas e desafios, lutas avulsas. Em 1913, o circo Spinell, tinha como atrações de seu espetáculo lutas entre capoeiristas (Jornal do Brasil, 1913).

Desde o início de 1910 até o final da década de 20, notamos uma seleta cena em que a visão sobre a capoeira em sua prática marcial era bem diferente, já não mais vista como algo negativo, mas como uma modalidade de múltiplos recursos e benefícios a serem explorados. Esses ativistas acreditavam que a capoeira poderia ser “domesticada”, dessa maneira deveria deixar de ser uma prática criminosa e associada à marginalidade, tornando-se uma arte metodizada e sistematizada, uma verdadeira ginástica nacional, que deveria ser praticada pelas forças armadas e nas escolas,



assim como ocorreu com o boxe inglês, que era uma luta muito mal vista, carregava consigo o aspecto de uma prática bárbara devido à falta de regras e ao alto índice de violência e agressividade presente. Mas ao longo do processo de esportivização com a implementação de regras, a prática tomou outro rumo, hoje conhecida com o epíteto de nobre arte (Silva & Correia, 2020).

### **Raphael Lothus e a sistematização da capoeira**

Na segunda década do século XX, desenvolviam-se e destacavam-se as artes marciais estrangeiras. O jiu-jitsu japonês dentre elas, Conde Koma, um famoso mestre japonês, divulgava sua arte por meio de demonstrações e desafios. Em 1915, o mesmo, em uma de suas demonstrações, desafiou um homem da plateia, que tinha a fama de bom lutador. A luta acabou não acontecendo, provavelmente pelo fato de as regras limitarem muitos movimentos, favorecendo muito a luta agarrada do mestre japonês. O desafiado se chamava Raphael Pereira da Silva, também chamado de Raphael Lothus, era mestre de capoeira e professor de ginástica, e teve grande importância para o surgimento de um novo jeito de se ensinar a capoeira (Silva & Correia, 2020).

O forte movimento que buscava a regulamentação e a institucionalização da capoeira, que vinha se mostrando presente durante aquele período, gerou uma inquietação em Lothus, que sentiu a necessidade de dar um passo além nessas linhas de pensamento. Percebeu uma carência na capoeira em relação à sistematização, ele percebeu que a informalidade do ensino e da prática da capoeira limitava a mesma em diversos fatores inclusive de torná-la um método de ginástica nacional (Silva & Correia, 2020).

Munido de conhecimento sobre os métodos ginásticos europeus, e da antiga capoeira de rua, Raphael criou algo inédito na capoeira. Contrapondo os métodos estrangeiros, que cada vez mais eram vistos como superiores, sendo mais valorizados do que as práticas nacionais, Lothus cria um programa de ensino visando não apenas a defesa pessoal, mas também uma ginástica completa, onde se alcançaria preparação vasta e integral do indivíduo. Esse programa de treinamento marca uma quebra entre a luta de rua e a luta sistematizada onde não apenas se aprenderia os fundamentos e os golpes, mas também teria uma preparação física (Silva & Correia, 2020). Fica claro que no método de Lothus o capoeirista tinha um potencial muito maior quando se trata de alcançar um melhor nível técnico, pois era um treinamento mais completo, e organizado o que propiciava uma capoeira mais eficiente e um capoeirista bem preparado fisicamente.

Raphael então chamou seu método de capoeira de "Ginástica Nacional" que nada mais era do que a antiga arte fundida aos métodos ginásticos europeus, principalmente o sueco e o francês, que serviram como um complemento aos treinos da arte marcial, propiciando o desenvolvimento do

capoeirista. Seu programa de ensino tinha uma visão moderna de capoeira de forma que a padronização dos golpes, assim como a execução dos mesmos, fosse levada em conta, o que mostra a preocupação com a organização e o desejo de desenvolvimento técnico da arte (Silva & Correia, 2020).

Em 1916, a inovação novamente se mostraria presente, Raphael se associa ao professor Mário Aleixo, conhecido no mundo das lutas, que na época lecionava aulas de jiu-jitsu, na União dos empregados do comércio do Rio de Janeiro. Foi nesse lugar onde foi fundada a Escola de Ginástica Nacional, onde Lothus ensinava seu método, pode-se dizer que essa foi a primeira academia especializada no ensino da capoeira (Silva & Correia, 2020).

Raphael teve uma carreira curta, falecendo em 1917, porém sua capoeira deixou marcas. A capoeira aos poucos ia caminhando, e pouco a pouco se modernizando. No livro de Annibal Burlamaqui, nota-se certas semelhanças em relação ao trabalho de Lothus (Silva & Correia, 2020). O que se nota é que os estilos de capoeira não se destoavam muito um do outro, apenas agregavam valor, ou seja, novas técnicas e métodos eram incluídos, mas a capoeira em si ainda era bem semelhante em sua forma de combate.

### **A capoeira inclusa a um método eclético**

Mário Aleixo praticante de várias modalidades esportivas, entre elas diversos estilos de artes marciais e métodos ginásticos. Sendo um dos pioneiros na educação física, Aleixo se destacou no ramo do treinamento das artes marciais, as quais tinha conhecimento de esgrima, jogo do pau, savate, boxe, luta greco-romana, capoeira e jiu-jitsu (Silva & Correia, 2020).

O jiu-jitsu foi a modalidade pela qual Mário Aleixo demonstrou grande apreço, lecionando-a por um longo período. Inicialmente, aprendeu a arte com o japonês Sada Myiako que, em 1909, foi derrotado por Cyriaco, no pavilhão internacional. Após esse ocorrido o interesse de Aleixo pela capoeira surgiu, dessa maneira buscou conhecimento sobre arte. Mario se tornou aluno de Januário com quem treinou por anos. Provavelmente a capoeira que Aleixo aprendeu foi a capoeira de rua, descrita no capítulo anterior, uma luta muito poderosa, com golpes variados, possivelmente o aprendizado de Mário Aleixo foi rápido visto que ele já era praticante de outras artes marciais além de métodos ginásticos europeus, o que poderia ter facilitado o processo. Aleixo também aperfeiçoou seus conhecimentos marciais por meio da literatura (Silva & Correia, 2020). Vale ressaltar que, algumas obras sobre capoeira já haviam sido publicadas, sendo assim, Mário Aleixo, poderia ter tido contato com algumas enriquecendo ainda mais seu conhecimento.



Munido de um vasto conhecimento Mário Aleixo se propôs a criar um método de ataque e defesa ideal, visando a versatilidade e a eficácia, tendo utilizado como modalidade base para esse método a capoeira, a qual Aleixo percebeu algumas deficiências na sua forma prática de combate. Embora a capoeira possuísse um grande repertório de movimentos, estava longe de ser uma modalidade completa, portando outras modalidades deveriam ser acrescentadas para assim ter definitivamente um método eclético e versátil de defesa pessoal, esse método contava com o uso de armas brancas, golpes traumáticos com membros superiores e inferiores, além de movimentos de luta agarrada, um misto principalmente de capoeira e jiu-jitsu, porém continha elementos do savate, do boxe, do jogo do pau, e luta greco-romana. O método tinha o intuito de defesa pessoal, para pessoas em geral, posteriormente passou a ter um viés mais voltado para o treinamento militar, (Silva & Correia, 2020).

Aleixo elaborou uma composição singular de técnicas provenientes dos continentes americano, asiático e europeu. O método ataque e defesa, como ficou conhecido, não era apenas a capoeira, embora fosse a modalidade utilizada como base, o que realmente constituía esse sistema era um conjunto de modalidades, no qual a capoeira estava inclusa. Ou seja, o método ataque e defesa nada mais era do que misto de artes marciais (Silva & Correia, 2020).

A capoeira então se mostra de uma forma metodizada e inclusa à um sistema eclético, na matéria abaixo se vê a versatilidade do método de Aleixo, contendo técnicas das mais variadas em diversas situações.

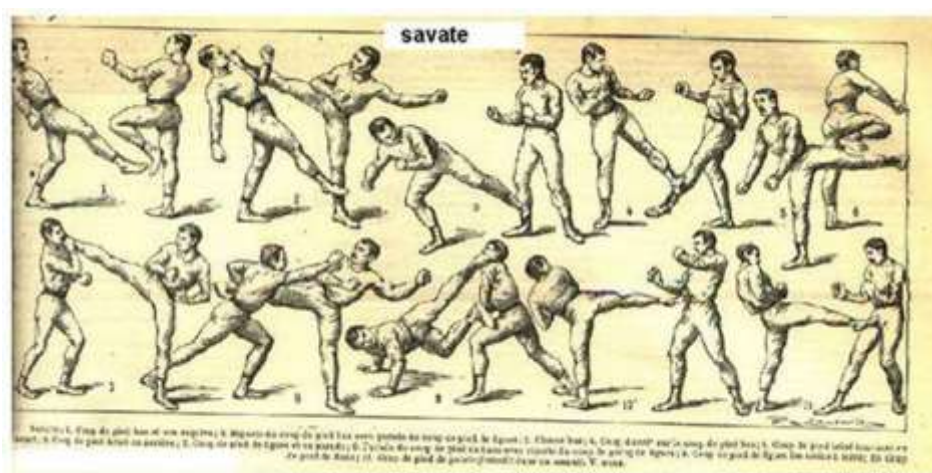
Na segunda parte, apresentou-se importante grupo de alumnos do professor, Sr. Mario Aleixo, que deu prova cabal do valor incontestável da defesa nacional aliada a outros elementos de luta singular, as demonstrações do systema, a luta de bayoneta contra bayoneta, de bayoneta contra punhal, de bayoneta contra homem desarmado, luta de homem deitado contra homem em pé, luta livre característica do processo exclusivamente brasileiro, box, punhal contra homem desarmado, e desenvolvimento da capoeiragem methodizada (Jornal do Brasil, 1921, p. 13).

Destacando as últimas palavras “capoeiragem methodizada”, mostra que, o professor Mario Aleixo, assim como outros, também deu um passo além com a capoeira, não apenas incluindo a antiga arte no método eclético, mas também organizando-a.

### **A capoeira metodizada, a origem do capo-jitsu**

Silva e Correia (2020), destaca que Mário Aleixo criou uma versão modernizada da antiga capoeira, chegando a chamá-la de “savata nacional” uma referência a modalidade de luta francesa,

talvez pela semelhança entre as duas modalidades. Vaz e Cuervo (2011) trazem a imagem que mostra diversos golpes da modalidade francesa, onde se nota um predomínio de golpes de membros inferiores, chutes muito parecidos com os utilizados na capoeira. Outro ponto a se destacar na imagem é a postura básica ou guarda, que lembra muito, a utilizada na capoeira.



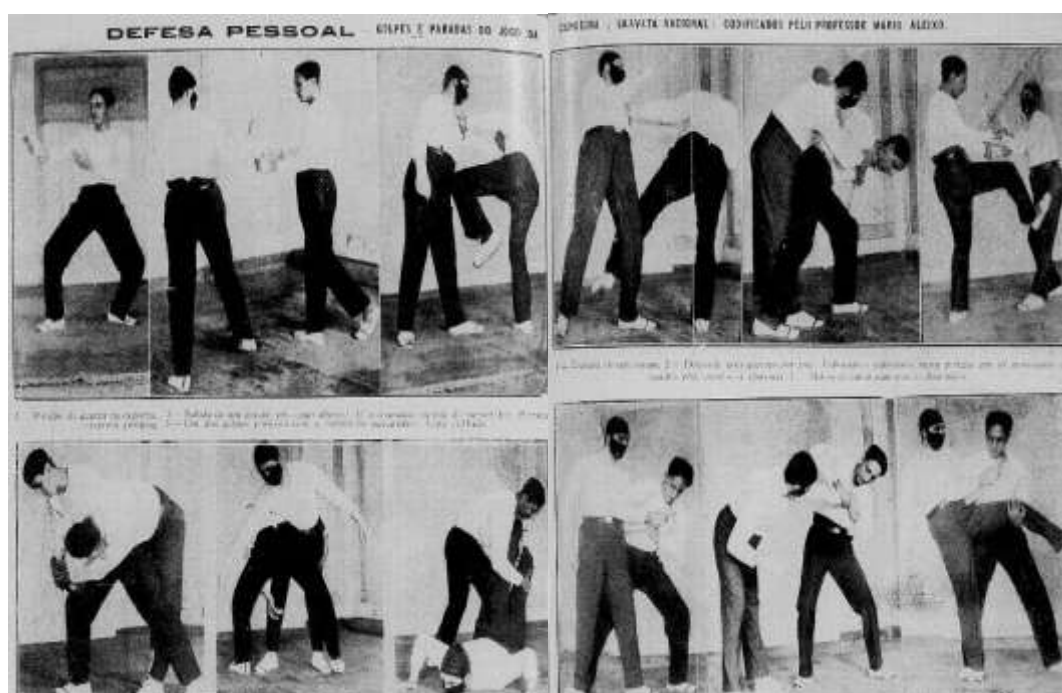
**Figura 2.** Golpes do savate.

Fonte: Vaz e Cuervo (2011).

Aleixo se dedicou ao ensino da capoeira, por meio de método versátil, utilizando-se do vasto conhecimento em jiu-jitsu, modernizou a antiga arte acrescentando os elementos que a luta mais carecia, quais sejam os movimentos na curta distância, dessa maneira os elementos de luta agarrada foram acrescentados.

Queremos nos referir ao trabalho apresentado pelo professor Mário Aleixo e os Srs. Raul Pederneiras, Senna e outros cujos nomes foi impossível obter, que apresentarão diversas partes de uma de uma luta em que figuram a capoeiragem e o jiu-jitsu (Jornal do Brasil, 1920, p. 13).

Abaixo, na revista *Eu sei de tudo*, de 1922, Mário Aleixo demonstra técnicas da sua capoeira, e fica evidente a variedade de movimentos, que vão de quedas finalizações, até chutes, assim como seu método eclético ‘ataque e defesa’ também tinha o caráter de defesa pessoal.



**Figura 3.** O capo-jitsu de Aleixo.

Fonte: Revista Eu sei de tudo (1922).

Em outras palavras, essa capoeira modernizada se tratava de uma fusão com as técnicas de jiu-jitsu e das demais modalidades que estavam presentes em seu método de defesa pessoal.

### Os golpes de uma versátil luta regrada e metodizada

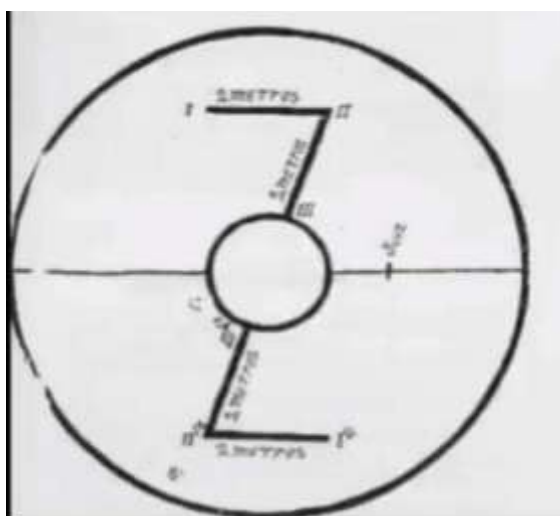
Em 1928 surge uma obra intitulada *Gymnástica Nacional (Capoeiragem) Methodizada e Regrada* de autoria de Aníbal Zumalacaragui de Menk Burlamaqui onde, segundo Silva e Correia (2020), pode-se encontrar várias influências do mestre Raphael Lothus. Nessa obra uma nova ótica é colocada acerca da capoeiragem, no livro, percebe-se a capoeira com um caráter esportivo bem definido e claro, podendo identificar alguns pontos nunca mencionados antes sobre a luta, como regras de competição, critérios de arbitragem, espaço de combate, entre outros (Burlamaqui, 1928).

Aníbal: Burlamaqui (Zuma), publicando em folheto ilustrado as regras desse jogo com detalhes cheios de interesse. A monographia faz um ligeiro apanhado sobre as origens da capoeiragem, desde os ominosos tempos da escravatura.

Discrimina com precisão o campo do jogo, analisa-o e confronta-o com os demais jogos conhecidos: procura methodisar os exercícios, estabelecendo as condições da luta e o julgamento e apresenta com muita segurança vinte e cinco golpes adaptados e respectivas defesas acrescentando dous golpes novos, de sua lavra, que nos parecem de bom proveito (Jornal do Brasil, 1928, p. 9).

Dentre o número de golpes apresentados na obra de Zuma, na matéria, é citado vinte e cinco golpes, com o acréscimo de dois. Porém, Silva e Correia (2020) destacam, em seu livro, que foram acrescentados 3 golpes, contendo a obra então 28 golpes. Annibal Burlamaqui, se preocupou apenas com a parte técnica da capoeira para desenvolvimento de seu método, que chamou de método Zuma. A principal característica de sua modernização, comparada à antiga capoeiragem, foi a adaptação como esporte, inédita até o momento, assim como Lothus também aderiu a métodos estrangeiros para seu método, entre eles a ginástica sueca, a qual detinha conhecimento, e o boxe, luta que praticou por anos, o que torna possível encontrar alguns conceitos do pugilismo inglês em sua obra (Silva & Correia, 2020).

Essa capoeira teria um espaço de luta em formato circular com o diâmetro de 8 metros, com um círculo pequeno com circunferência de 1 metro ao centro, local de início dos combates, a área de luta também conta com linhas, formando um “z” que são utilizadas apenas na apresentação dos lutadores (Burlamaqui, 1928).



**Figura 4.** A área de luta.  
Fonte: Burlamaqui (1928).

Outros pontos notáveis nessa capoeira, segundo Silva e Correia (2020), era a presença de critérios de empate e desempate, assim como os critérios de arbitragem, além de uma vestimenta própria, que no caso seria muito parecida com a do boxe, resumindo a um calção e os pés calçados. Os gestos técnicos presentes na capoeira são outro ponto a ser debatido pois, ao longo das décadas do século XX, as informações de como a capoeira se mostrava em sua prática eram escassas, dificultando a compreensão da mesma e seu desenvolvimento técnico ao longo dos anos e essa obra

traz consigo uma variedade de movimentos ilustrados, o que facilita ainda mais o entendimento das técnicas utilizadas.

Ao todo são relacionados 28 golpes, dentre eles golpes traumatizantes com membros inferiores e com a cabeça, também como movimentos desequilibrantes com membros inferiores, não constando movimentos com membros superiores, como tapas e socos. Dentre esses movimentos notamos uma luta simples, com movimentos relativamente básicos e objetivos, um ponto que chama a atenção é a posição básica de luta, a chamada guarda que lembra muito a descrita no livreto de 1907.

De acordo com Silva e Correia (2020), também se assemelha muito à base da capoeira sistematizada de Raphael Lothus, onde o lutador se prostra em uma posição de pernas fixa, com as mãos levantadas a meia altura e o peso corporal sobre a perna de trás, o que mostra que a capoeira não apresentava muitas mudanças em seus fundamentos, como na base de luta e em alguns golpes. Presume-se que, ao longo do tempo, agregava valor, bem como absorvia diversos recursos, sofrendo influências de outras modalidades e do próprio meio.



**Figura 5.** A guarda por Burlamaqui.

Fonte: Burlamaqui (1928).

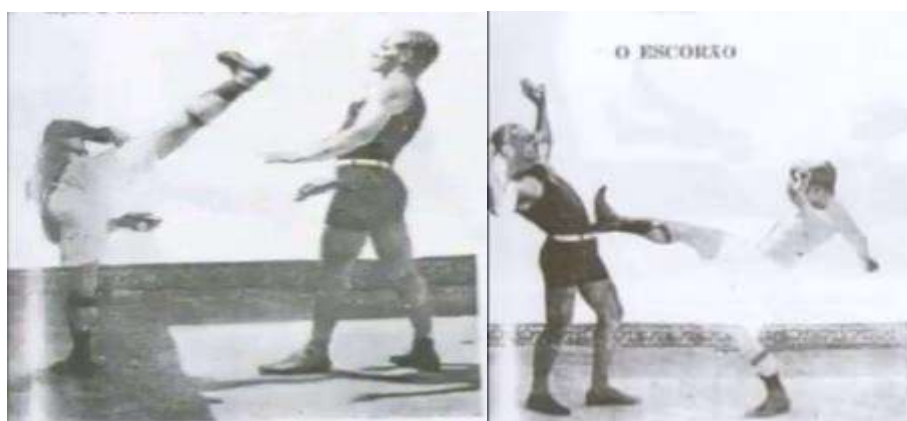
Sobre a forma prática a qual essa capoeira e seus recursos se apresentavam, de acordo com Burlamaqui (1928) alguns pontos são levantados, dentre eles:

1- A forma que o capoeirista poderia se mover na luta, é citado o movimento de “pentear, ou peneirar” que é descrito como pular para trás ou para os lados, sempre conservando a guarda,



provavelmente utilizado como um tipo de movimentação, um jogo de pés, ou também como uma forma de confundir o adversário;

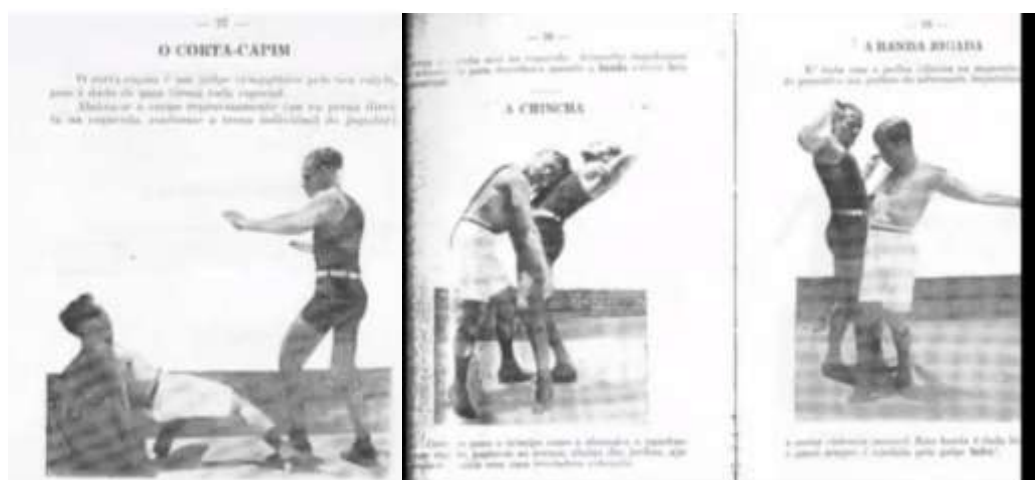
2- Os chutes presentes de autoria de Zuma, são a queixada e a espada. Também são encontrados o rabo de arraia, o escorão, entre outros. Golpes giratórios não são relatados na obra, o que se nota é que a capoeira era bem simples em seus movimentos, constituindo principalmente de chutes frontais. Abaixo os golpes, queixada e escorão;



**Figura 6.** Queixada e escorão por Burlamaqui.

Fonte: Burlamaqui (1928).

3- Há muitas quedas, dentre elas quedas onde há o agarre no caso de rasteiras, bandas, e quedas onde há o agarramento no caso da baiana e da chinchá; abaixo algumas imagens extraídas da obra de Zuma onde podemos visualizar o corta-capim, a chinchá e a banda jogada;



**Figura 7.** Golpes corta-capim, chinchá e banda jogada por Burlamaqui.

Fonte: Burlamaqui (1928).



4- A cabeçada, um golpe que também é presente no livro, destaca a capoeira como luta versátil, que ao longo do tempo aperfeiçoou suas técnicas.

Annibal Burlamaqui, em sua metodologia, também pregava o ecletismo para um maior rendimento e aperfeiçoamento da capoeira. Dessa forma, aconselhando o treinamento de outras modalidades como forma de complemento, no caso o jiu-jitsu, o boxe, a esgrima, além do levantamento de pesos (Assunção, 2014). A partir disso, nota-se a vontade de tornar a capoeira uma modalidade completa, e se vê o surgimento do atleta, que além do seu preparo técnico também se preocupa com o preparo físico, visando um rendimento de nível mais elevado.

### **Considerações finais**

O presente estudo teve como objetivo analisar os elementos relacionados à busca pela metodologização da capoeira, especialmente no contexto do Rio de Janeiro, durante a primeira metade do século XX. Através de uma análise documental, de fontes primárias e secundárias, buscou-se compreender como a capoeira, historicamente marginalizada, passou a ser vista sob novas perspectivas, sendo incorporada gradualmente a projetos de sistematização e regulamentação que visavam transformá-la em uma ginástica nacional.

Os achados da pesquisa demonstram que, mesmo em contextos de repressão, a capoeira resistiu e se reinventou por meio da incorporação de elementos de outras lutas e métodos de treinamento físico. A atuação de figuras como Raphael Lothus, Mário Aleixo e Annibal Burlamaqui foi decisiva para a criação de propostas pedagógicas e metodológicas que transformaram a capoeira em uma prática sistematizada, com regras, critérios técnicos e objetivos educacionais e defensivos bem definidos. Esses agentes históricos imprimiram à capoeira um caráter eclético e moderno, que dialogava com o conhecimento das ginásticas europeias e das artes marciais orientais, buscando conferir à arte brasileira legitimidade, eficiência e prestígio.

Conclui-se que, o processo de metodologização da capoeira, conforme analisado neste estudo, não apenas marca um momento de transição da capoeira como prática marginal para uma prática esportiva e pedagógica, mas também evidencia os esforços de seus protagonistas em inseri-la no campo da cultura corporal institucionalizada. A capoeira, assim, revela-se como um fenômeno cultural dinâmico, que soube se adaptar e dialogar com distintas tradições, reafirmando sua identidade brasileira, sem deixar de incorporar contribuições externas.

Por fim, o esforço histórico realizado permite ampliar a compreensão sobre os caminhos da capoeira na sua trajetória de resistência, adaptação e institucionalização. A sistematização da capoeira não foi um processo linear nem homogêneo, mas um movimento plural e tensionado, que

reafirma sua complexidade enquanto arte, luta, jogo e expressão cultural profundamente enraizada na história do Brasil.

## Referências

Alves, L. P., & Montagner, P. C. (2008). A esportivização da capoeira: reflexões teóricas introdutórias. *Conexões*, 6, 510–521. <https://doi.org/10.20396/conex.v6i0.8637853>

Araújo, P. C. de, & Jaqueira, A. R. F. (2006). A luta da capoeira: reflexões acerca da sua origem. *Revista de Atenção à Saúde*, 4(9), 5-13. <https://doi.org/10.13037/rbcs.vol4n9.423>

Assunção, M. R.. (2014). Ringue ou academia? A emergência dos estilos modernos da capoeira e seu contexto global. *História, Ciências, Saúde-manguinhos*, 21(1), 135–150. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702014005000002>

Braga, J. D. C. F., & Saldanha, B. D. S. (2014). Capoeira: da criminalização no código penal de 1890 ao reconhecimento como esporte nacional e legislação aplicada. In *Direito, arte e literatura II: XXIII Congresso nacional do CONPEDI. João Pessoa: UFPB* (Vol. 5).

Brito, C., & Granada, D. (Eds.). (2020). *Cultura, Política e Sociedade: estudos sobre a Capoeira na contemporaneidade*. Editora da Universidade Federal do Piauí, EDUFPI.

Burlamaqui, A. (1928). *Gymnastica nacional (Capoeiragem): methodisada e regrada*.

Fonseca, V. L. (2008). A capoeira contemporânea: antigas questões, novos desafios. *Recorde: Revista de História Do Esporte*, 1(1), 1-30. <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/795>

Fontoura, A. R. R., & Guimarães, A. C. de A. (2008). History of Capoeira. *Journal of Physical Education*, 13(2), 141-150.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Editora Atlas SA.

Gratton, C., & Jones, I.(2014). *Research Methods for Sports Studies*. Routledge.

Lise, R. S., Moraes e Silva, M., Loudcher, J. F., & Capraro, A. M. (2023). From malta s to regulated practice: capoeira in the newspapers of the city of Rio de Janeiro (1901-1919). *Sport in History*, 43(4), 387-409.

Silva, E., & Corrêa, E. (2020). *Muito antes do MMA: O legado dos precursores do Vale Tudo no Brasil e no mundo*. Print Replica: Edição dos Autores.

Soares, C. E. L. (1997). Dos fadistas e galegos: os portugueses na capoeira. *Análise Social*, 32(142), 685-713.

Thomas, J. R., Nelson, J. K., & Silverman, S. J. (2012). *Métodos de pesquisa em atividade física*. Artmed Editora.

*Tráfico e Comércio de Escravos*. (2024). BNDigital.  
<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/trafico-de-escravos-no-brasil/escravidao-no-brasil/trafico-e-comercio-de-escravos/>

Vaz, L. G. D., & Cuervo, E. J. R. (2011). Crônica da capoeira (GEM). O “Chausson/Savate” influenciou a capoeira. *Lecturas: Educación Física Y Deportes*, 16(158).